

Entendendo o que é Gênero

Sandra Unbehaum¹

Vila de Nossa Senhora da Piedade, 03 de outubro de 2002².

Cara Professora,

Hoje acordei decidida a escrever-lhe esta carta, para pedir-lhe ajuda e trocar umas idéias. Estou desde ontem indignada com uma conversa que presenciei entre meu filho e uma amiga da escola.

Eles discutiam sobre a participação das meninas no campeonato de futebol que está sendo organizado na escola. Meu filho estava furioso com a idéia das meninas também terem formado um time de futebol para participar do campeonato.

A conversa foi mais ou menos assim:

H – *Não tem nada ver menina jogar bola...sempre foi um jogo de menino. Vocês têm outras brincadeiras que a gente não brinca...de casinha, de cuidar de boneca, essas coisas...*

M – *Você tá por fora, até a ex-mulher do Ronaldo é jogadora de futebol, e joga na seleção feminina...E tem outra coisa, menino não brinca de casinha e de boneca porque é bobo. Tem medo de ser chamado de mulherzinha....*

H – *É, mas se um menino ficar cuidando de boneca, todo mundo vai zoar dele. Você viu o que aconteceu com o Zeca? Ele foi se meter a querer ajudar na decoração da festa do dia dos Professores e todo mundou ficou chamando ele de bicha. E ele até tava namorando a Luiza. Agora ela não quer mais saber dele. Tô fora!*

¹ Sandra Unbehaum, é socióloga, doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Sociologia da USP, pesquisadora da ECOS – Comunicação em Sexualidade e da Fundação Carlos Chagas.

² Este texto foi publicado originalmente no Caderno Desafios na Escola Contemporânea: Aids, Sexualidades, Relações Raciais e Gênero. Realização GAPA-Bahia, 2005. (foi autorizada a divulgação deste artigo desde que citada a fonte).

O bate boca não foi muito longe, porque daí a pouco eles já estavam envolvidos com alguma outra coisa. Eu fiquei muito preocupada e acho que meu filho está com a razão. Que história é essa de menina participar de jogo de futebol! Esse jogo é muito violento, é coisa de menino. A gente até vê na televisão essas modernidades: homem fazendo serviço de mulher, homem se vestindo de mulher ou namorando homem. Mas aqui em casa não é assim não. Quem cuida da casa sou eu. E eu aprendi que mulher é mulher e homem é homem. Você (posso chamar de você?) sabe que o pai do meu filho foi-se embora, mas nem por isso a educação dele vai ser diferente. Meu filho quando nasceu o mundo já era assim, cheio de valores, que já existiam antes dele e muito antes do meu nascimento e provavelmente do seu também. Depois de ouvir a conversa do meu filho com a coleguinha dele fui ver uns livros que ganhei da minha vizinha, a Marlene. Ela me deu os livros e disse que era pra eu ler e conhecer um pouco sobre a “condição das mulheres”. Nunca tinha lido nada dessas coisas, achei que já conhecia bastante da vida das mulheres. Mas daí resolvi ler e fiquei muito confusa. Por isso resolvi escrever para você (espero que você não se incomode por lhe chamar assim, em vez de senhora.).

No tal livro diz que essa idéia de ser mulher e de ser homem não nasce com o nosso corpo, na nossa carne, é a gente que inventa como ser mulher e homem. A única coisa que a gente aprende bem cedinho é que há machos e fêmeas na espécie humana. Menino tem pinto, mulher tem vagina. Daí, alguém inventou que a cor de roupa dos meninos devia ser azul e das meninas ser rosa. Na menina eles colocam brinco. Você já reparou como as pessoas tratam os bebês? Se for menino todo mundo fica dizendo: “como ele é forte!” , “já nasceu com cara de macho!” “Esse vai dar trabalho!” Se for menina até o jeito de segurar e tom de voz mudam: “Olha que lindinha!” “Tão delicada, tão mimosa!” ou então “Ah! Mulher, nasceu para sofrer!” E a gente vai criando os meninos para serem livres, correr, ensinamos que devem se defender, competir e ganhar. As meninas a gente tenta controlar, ensina a sentar de perna cruzada, usar roupas femininas, ser cheirosa e meiga e ensinamos a ser uma “boa mulher”, cuidar de filhos e da casa. Ela pode até estudar e trabalhar, mas tem que ser também uma boa dona de casa e mãe.

E todos, todas nós crescemos achando que essas verdades são as únicas verdadeiras, que elas sempre existiram.

Gostaria que você visse agora se eu entendi bem a lição dos livros. Para isso, dividi a carta por partes, quase iguais aos livros:

Os costumes:

No livro diz também que apesar de o homem e da mulher nascerem com semelhanças físicas, biológicas, os costumes e alguns valores são diferentes, dependendo do lugar em que vivem. Por exemplo, no Nordeste do Brasil é comum homens e mulheres dormirem em redes. Já no Sul do Brasil isso não acontece. Tem lugares em que os homens não ajudam de jeito nenhum nas tarefas da casa, nem pensam em trocar as fraldas sujas do filho. Nestes lugares é comum as pessoas acharem que cuidar de filho e da casa é coisa de mulher, que ela já nasce sabendo fazer essas coisas, que ela é maternal, carinhosa. Mas tem lugares em que muito homem cozinha, dá banho nos filhos, põe para dormir. Tem lugares que as mulheres trabalham na construção civil, dirigem metrô e ônibus, atividades que só os homens exerciam. Tem lugares em que a mulher vai para a roça junto com o homem, e prepara a terra para o plantio e colhe o que deu fruto. Tem cidades que tem mulher prefeita, mas são poucas...bem poucas.

A divisão das tarefas:

O livro fala também que tanto no trabalho como em casa tem sempre uma divisão de tarefas. A sociedade, a comunidade, a escola funciona porque as pessoas dividem as tarefas. Nem sempre essa divisão é justa ou igual. Até aí tudo bem, a gente bem sabe disso, não é?

Agora, você já reparou que a principal divisão que existe é entre homens e mulheres? A divisão sexual do trabalho, isto é, a divisão em tarefas masculinas e femininas, por exemplo, existe em todas as culturas. Mas esta divisão não está baseada em nossa natureza biológica (de machos ou de fêmeas), como se acredita muitas vezes. Uma tarefa considerada feminina numa sociedade pode ser encarada como masculina em outra: cultivar a terra, por exemplo, tanto pode ser uma tarefa feminina - entre os Bororo, indígenas do Brasil central, são as mulheres que trabalham a terra.

O livro diz que a capacidade das mulheres de reproduzir, de engravidar contribuiu ao longo da história da humanidade para reforçar esse divisão. Durante muito tempo se imaginou que a principal função da mulher era ter filhos, cuidar deles e da família. Ao homem caberia garantir sustento, para que nada faltasse para a família e protegê-la.

A consequência disso é que os homens são responsáveis pelas principais decisões em todas as áreas: educação, saúde, política etc. Ou seja, homens e mulheres costumam ter papéis muito diferentes em cada sociedade, justamente pela forma como as nossas diferenças sexuais são percebidas e valorizadas.

A gente não nasce sabendo quais tarefas são femininas e quais são masculinas. A gente aprende isso e quando quer fazer diferente dá a maior confusão. Mas o pior é que na nossa sociedade quase sempre as mulheres ficam com as tarefas e profissões que são menos valorizadas. Essa diferença acaba criando desigualdades e preconceito e aqui é que está o grande problema. As mulheres ganham menos do que os homens e a maior parte das profissões exercidas pelas mulheres são pouco valorizadas: empregada doméstica, babás, professora, enfermeira etc.

O que é gênero?

Você sabia que existe uma palavra para explicar como essas diferenças culturais são construídas e como nós fazemos isso? Essa palavra é gênero. Isso aqui demorei para entender, tinha palavras que pesquisei no dicionário e tem até umas cópias do livro nesta carta.

Gênero é uma linguagem, uma forma de comunicação, uma forma de ordenar o mundo, que orienta a conduta das pessoas na maneira como elas vão se relacionar com as outras. Meu filho, por exemplo, estava apenas repetindo com a amiga o que aprendeu sobre como deve ser um menino e uma menina, sobre o que ele ouviu ou viu, em casa, na escola ou mesmo na rua. Sem perceber ele estava discriminando as meninas. Do mesmo jeito, quando os colegas zoaram com o Zeca porque ele queria ajudar na decoração da festa da escola. Essas situações são a base para preconceitos, discriminação e exclusão social. Gênero é mais do que uma maneira como as pessoas se relacionam, é também um jeito de olhar e compreender a realidade.

Uma coisa muito importante que eu aprendi quando lia o livro, é que o gênero nos ajuda a compreender que essa maneira de organizar a sociedade – dividida em 2 jeitos de ser: homem e mulher, masculino e feminino, gera preconceito e discriminação em relação aos homens também. Ou seja, do mesmo modo que a cultura constrói um jeito de ser feminino, de ser mulher, constrói também um jeito de ser masculino, de ser homem. Só que existem muitos jeitos de ser homem e de ser mulher, e não tem um jeito certo e um errado. Existem jeitos diferentes.

Só que na nossa cultura e na maior parte das outras sociedades, o masculino tende a ser valorizado, a ser mais positivo em relação ao que é considerado feminino e por isso as mulheres vivem em situações de maior desigualdade. Mas o que é valorizado é um certo jeito de ser masculino, que a gente chama de hegemônico (aprendi isso também: hegemônico quer dizer preponderante, que tem mais importância; no caso de gênero, predomina a cultura machista. Sendo cultural, pode ser mudado). Mas não é só a discriminação de gênero que causa desigualdade. Também tem a discriminação por causa da cor, da raça, da idade, da classe social. Uma mulher pobre e negra está no último lugar da escala social. Um homem negro e pobre está em último lugar na escala social dos homens.

Agora eu entendo porque tem muita mulher que se junta para falar das injustiças e brigar por direitos. No livro fala que o feminismo e o movimento de mulheres é um exemplo de resistência, de voz contra as desigualdades e por isso muitas coisas mudaram. Por causa dessa luta, as mulheres hoje podem votar. Ainda bem que as discriminações de gênero e o sexismo são resultado de nossa história e cultura e, portanto, podemos mudar.

Então, Professora, eu escrevi tudo isso porque queria conversar com você sobre uma idéia que eu tive. Será que a gente não poderia se reunir, uma vez por mês, para conversar sobre esse assunto de gênero? Eu pensei assim, reunir pai, mãe, professor, professora e quem mais quiser participar para fazer um tipo de Roda de Conversa e trocar idéias e experiências sobre as diferenças de ser homem e mulher na nossa comunidade? Acho que isso poderia ajudar a gente na educação das crianças. O que você acha?

Um abraço,

Nazinha (mãe do João Carlos)